

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

FEVEREIRO DE 1868

Nº 2

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão

ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS

Nossos leitores se lembram de ter lido, em junho de 1867, a análise do *Romance do Futuro*, que o Sr. Bonnemère havia tirado dos manuscritos de um jovem médium bretão, cujos trabalhos lhe havia confiado.

É ainda nessa volumosa coletânea de manuscritos que o autor encontrou estas páginas, escritas em hora de inspiração, e que vem submeter à apreciação dos leitores da *Revista Espírita*. Desnecessário dizer que deixamos ao médium, ou antes, ao Espírito que o inspira, a responsabilidade das opiniões que emite, reservando-nos para as apreciar mais tarde. Do mesmo modo que o *Romance do Futuro*, é um curioso espécime de mediunidade inconsciente.

OS ALUCINADOS

Temos pouco a dizer sobre a alucinação, estado provocado por uma causa moral, que influi sobre o físico e à qual se mostram mais acessíveis as naturezas nervosas, sempre mais prontas a impressionar-se.

Sobretudo as mulheres, por sua organização íntima, são levadas à exaltação, e a febre se apresenta nelas, o mais das vezes, acompanhada de delírio, que toma as aparências da loucura momentânea.

A alucinação, é preciso reconhecer, por um pequeno lado toca a loucura, assim como todas as superexcitações cerebrais; e enquanto o delírio se manifesta sobretudo por palavras incoerentes, a alucinação representa mais particularmente a ação, a encenação. Contudo, é injustamente que por vezes as confundem.

Vítima de uma espécie de febre interior, que não se traduz externamente por nenhuma perturbação aparente dos órgãos, o alucinado vive em meio ao mundo imaginário que cria, por um momento, sua imaginação perturbada; tudo está em desordem, nele como em torno dele; leva tudo ao extremo: por vezes a alegria, a tristeza quase sempre, e as lágrimas rolam nos olhos, enquanto seus lábios fingem um sorriso doentio.

Essas visões fantásticas existem para ele; ele as vê, as toca e se assusta com elas. Não obstante, conserva o exercício da vontade; conversa com os interlocutores e lhes oculta o objeto de seus terrores ou de suas sombrias preocupações.

Conhecemos um que, durante cerca de seis meses, assistia todas as manhãs ao enterro de seu corpo, tendo plena consciência de que sua alma sobrevivia. Nada parecia mudado nos

seus hábitos de vida e, contudo, esse pensamento incessante, essa visão mesma por vezes o seguia em todos os lugares. A palavra morte ressoava incessantemente em seu ouvido. Quando o Sol brilhava, dissipava a noite ou atravessava a nuvem, a horrível visão se desvanecia pouco a pouco, acabando por desaparecer. À noite adormecia, triste e desesperado, porque sabia que horrível despertar o aguardava no dia seguinte.

Por vezes, quando o excesso de sofrimento físico impunha silêncio à sua vontade e lhe tirava esse poder de dissimulação, que de ordinário conservava, exclamava de repente: – Ah! ei-los!... eu os vejo!... E então descrevia aos que o cercavam com mais intimidade os detalhes da lúgubre cerimônia, relatava as cenas sinistras que se desdobravam aos seus olhos, ou rondas de personagens fantásticas que desfilavam à sua frente.

O alucinado vos dirá as loucas percepções de seu cérebro doente, mas não tem nada a vos repetir do que outros viessem lhe revelar; porque, para ser inspirado, é preciso que a paz e a harmonia reinem em vossa alma, e que estejais isento de todo pensamento material ou mesquinho; algumas vezes a disposição doentia provoca a inspiração; é, então, como um socorro que os amigos partidos antes vêm vos trazer para vos aliviar.

Esse louco, que ontem gozava da plenitude da razão, não apresenta desordens exteriores perceptíveis ao olho do observador; são, entretanto, numerosas, existem e são reais. Muitas vezes o mal está na alma, lançada fora de si mesma pelo excesso de trabalho, de alegria, de dor; o homem físico não está mais em equilíbrio com o homem moral; o choque moral foi mais violento do que o físico pode suportar: daí o cataclismo.

O alucinado sofre igualmente as conseqüências de uma perturbação grave em seu organismo nervoso. Mas – o que raramente acontece na loucura – neles essas desordens são

intermitentes e tão mais facilmente curáveis quanto sua vida é, de certo modo, dupla, pois pensa com a vida real e sonha com a vida fantástica.

Esta última é, por vezes, o despertar de sua alma doente e, se se o escutar com inteligência, chegar-se-á a descobrir a causa do mal, que muitas vezes ele quer ocultar. Entre o fluxo das palavras incoerentes, que lança fora uma pessoa em delírio, e que parecem em nada se referir às causas prováveis de sua doença, encontrar-se-á uma que voltará sem cessar, que ela queria reter e que, contudo, escapa. Essa é a verdadeira causa e que é preciso combater.

Mas o trabalho é longo e difícil, porque o alucinado é um hábil comediante e, se percebe que o observam, seu espírito se lança em estranhos desvios e toma as aparências da loucura para escapar a essa pressão importante, que pareceis decidido a exercer sobre ele. É, pois, necessário estudá-lo com extremo tato, sem jamais o contradizer ou tentar retificar os erros de seu cérebro em delírio.

São estas as diversas fases de excitações cerebrais, ou antes, de excitações do ser todo inteiro, pois não é preciso localizar a sede da inteligência. A alma humana, que a dá, plana por toda parte; é o sopro do alto, que faz vibrar e agir a máquina toda inteira.

O alucinado pode, de boa-fé, julgar-se inspirado e profetizar, quer tenha consciência do que diz, quer os que o rodeiam possam, só eles e mau grado seu, recolher suas palavras. Mas dar fé às indicações de um alucinado seria se preparar estranhas decepções, e é assim que muitas vezes têm levado ao passivo da inspiração os erros que não eram senão o fruto da alucinação.

O físico é coisa material, sensível, exposta à luz, que cada um pode ver, admirar, criticar, cuidar ou tentar endireitar. Mas quem pode conhecer o homem moral? Quando nos ignoramos a nós mesmos, como nos julgarão os outros? Se nós lhes entregamos alguns dos nossos pensamentos, são muito mais ainda os que subtraímos aos seus olhares e que gostaríamos de ocultar a nós mesmos.

Essa dissimulação é quase um crime social. Criados para o progresso, nossa alma, nosso coração, nossa inteligência são feitos para se derramarem sobre todos os irmãos da grande família, para lhes prodigalizar tudo quanto está em nós, como para se enriquecer ao mesmo tempo com tudo o que nos podem comunicar.

A expansão recíproca é, pois, a grande lei humanitária, e a concentração, isto é, a dissimulação de nossas ações, de nossos pensamentos, de nossas aspirações é uma espécie de roubo que cometemos em prejuízo de todo o mundo. Que progresso se fará, se guardarmos em nós tudo o que a Natureza e a educação aí puseram, e se cada um agir do mesmo modo a nosso respeito?

Exilados voluntários e nos mantendo fora do comércio de nossos irmãos, nós nos concentramos numa idéia fixa; a imaginação obsedada procura a isto subtrair-se, perseguindo toda sorte de pensamentos inconseqüentes, e assim se pode chegar até a loucura, justo castigo que nos é infligido por não termos querido marchar em nossas vias naturais.

Vivamos, pois, nos outros e eles em nós, a fim de que todos não sejamos senão um. As grandes alegrias, como as grandes dores, nos partem quando não são confiadas a um amigo. Toda solidão é má e condenada, e toda coisa contrária ao voto da Natureza traz como conseqüências inevitáveis imensas desordens interiores.

II

OS INSPIRADOS

A inspiração é mais rara que a alucinação, porque não se prende somente ao estado físico, mas, ainda e sobretudo, à situação moral do indivíduo predisposto a recebê-la.

Todo homem não dispõe senão de certa quota de inteligência, que lhe é dado desenvolver por seu trabalho. Chegado ao ponto culminante que lhe é concedido atingir, pára um momento, depois retorna ao estado primitivo, ao estado de infância, menos essa mesma inteligência, que em um cresce dia a dia, e no velho diminui, extingue-se e desaparece. Então, tendo dado tudo, e nada mais podendo acrescentar à bagagem de seu século, ele parte, mas para ir continuar alhures sua obra interrompida neste mundo; parte, mas deixando o lugar rejuvenescido para um outro que, chegando à idade viril, terá o poder de, por sua vez, realizar uma missão maior e mais útil.

O que chamamos a morte não é senão o devotamento ao progresso e à Humanidade. Mas nada morre, tudo sobrevive e se reencontra pela transmissão do pensamento dos seres partidos antes, que têm ainda, pela parte mais etérea de si mesmos, na pátria deixada, mas não esquecida, que amam sempre, pois é habitada pelos continuadores de sua vida, pelos herdeiros de suas idéias, aos quais se comprazem em insuflar por momentos as que não tiveram tempo de semear em seu redor, ou que não puderam ver progredir ao sabor de suas esperanças.

Não tendo mais órgãos ao serviço de sua inteligência, vêm pedir aos homens de boa vontade, que apreciam, que lhes cedam o lugar por um momento. Sublimes benfeitores ocultos, impregnam seus irmãos da quintessência de seu pensamento, a fim de que sua obra esboçada continue e se conclua, passando pelo cérebro dos que podem fazê-la realizar seu caminho no mundo.

Entre os amigos desaparecidos e nós, o amor continua, e o amor é a vida. Eles nos falam com a voz de nossa consciência posta em vigília. Purificados e melhores, não nos trazem senão coisas puras, isentos que estão de toda parte material, como de todas as mesquinhas de nossa pobre existência. Eles nos inspiram no sentimento que tinham neste mundo, mas nesse sentimento desprendido de toda mistura.

Resta-lhes ainda uma parte de si mesmos para dar: eles no-la trazem, deixando-nos crer que a obtivemos apenas por nosso trabalho pessoal. Daí essas revelações inesperadas, que confundem a Ciência. O Espírito de Deus sopra onde quer... Desconhecidos fazem grandes descobertas, e o mundo oficial das academias aí está para lhes entravar a passagem.

Não pretendemos dizer que, para ser inspirado, seja indispensável manter-se incessantemente nos estreitos caminhos do bem e da virtude; entretanto, de ordinário são seres morais aos quais se vem, muitas vezes como compensação dos males que sofrem por causa dos outros, conceder manifestações que lhes permitem vingar-se à sua maneira, trazendo o tributo de alguns benefícios à Humanidade, que os desconhece, zomba e calunia.

Encontram-se tantas categorias de inspirações e, por conseguinte, de inspirados, quantas faculdades existem no cérebro humano para assimilar conhecimentos diferentes.

A luta assusta os Espíritos depurados, partidos para mundos mais adiantados, e que desejam que os escutem com docilidade. Por isso os inspirados são geralmente seres puros, ingênuos e simples, sérios e refletidos, cheios de abnegação e de devotamento, sem personalidade marcante, de impressões profundas e duráveis, acessíveis às influências exteriores, sem idéias preconcebidas sobre as coisas que ignoram, bastante inteligentes para assimilar os pensamentos alheios, mas não moralmente bastante fortes para os discutir.

Se o inspirado se apega às suas próprias convicções, de boa-fé toma o seu eco pela advertência das vozes que nele falam e, também de boa-fé, engana, em vez de esclarecer. A bondade preside a essas revelações, que jamais ocorrem senão com um objetivo útil e moral, ao mesmo tempo.

Quando uma dessas organizações simpáticas é sofredora, devido a uma decepção cruel, ou a um mal físico, um amigo por ela se interessa e vem, dando outro alimento ao seu pensamento, trazer alívio para ela própria, mas, sobretudo, para os que lhe são caros.

Não é raro que o inspirado tenha começado sendo um alucinado. É como um noviciado, uma preparação de seu cérebro para concentrar seu espírito e poder aceitar aquilo que lhe dirão.

Porque um inspirado nada pode formular de concludente em dado momento, não significa que não o possa fazer em outros. As manifestações ficam livres, espontâneas; vêm quando são necessárias. Por isso os inspirados, mesmo os melhores, não o são em dia e hora fixos, e as sessões anunciadas previamente muitas vezes preparam inevitáveis decepções.

Fazendo evocações muito freqüentes, corre-se o risco de não se chegar senão a um estado de superexcitação, mais vizinho da alucinação que da inspiração. Então não passam de jogos de nossa imaginação em delírio, em vez dessas luzes do outro mundo, destinadas a iluminar os passos da Humanidade em sua estrada providencial.

Isto explica esses erros, dos quais a incredulidade fez uma arma, para negar, de maneira absoluta, a intervenção dos Espíritos superiores.

Os inspirados o são por todos os que, partidos antes da hora, têm algo para nos ensinar.

Pode acontecer que a mulher mais simples, a menos instruída, tenha revelações médicas. Vimos uma que, mesmo sem saber ler e escrever, achava em si diversos nomes de plantas que podiam curar. A credulidade popular quase a tinha forçado a explorar essa faculdade. Mas, nem sempre era igualmente bem esclarecida, mesmo tomando o pulso da pessoa doente, que com ela se punha em relação; porque ela era também desses *fluídicos*, dos quais falaremos daqui a pouco. Embora fraca e delicada, podia, por seu contato, restabelecer o equilíbrio em quem o necessitava e repor em circulação os princípios vitais interrompidos. Sem se dar conta disto, muitas vezes fazia, pelo simples toque, em certas pessoas cujo fluido era idêntico ao seu, mais bem que os remédios que prescrevia, às vezes, apenas por hábito, e com variantes insignificantes, fosse qual fosse o mal para o qual a consultavam.

A Providência colocou junto de cada homem um remédio para cada doença. Apenas existem tantas naturezas diferentes quantos indivíduos. Os remédios também agem diferentemente sobre cada organismo, o qual influi sobre os caracteres do mal; e é isto que faz que seja quase impossível ao médico prescrever o remédio eficaz. Ele conhece os seus efeitos gerais, mas ignora absolutamente em que sentido agirá sobre tal paciente que lhe apresentam.

É aqui que brilha a superioridade dos fluídicos e dos sonâmbulos, porque, quando eles se encontram em certas condições de simpatia com os que vêm consultá-los, os seres superiores os guiam com uma quase certa infalibilidade.

Muitas vezes essa inspiração é inconsciente de si mesma; às vezes um médico, mas apenas junto de certos doentes, acha de súbito o remédio que os pode curar. Não foi a Ciência que

o guiou, foi a inspiração. A Ciência punha à sua disposição vários modos de tratamento, mas uma voz interior lhe gritava um nome; foi forçado a dizê-lo, e esse nome era o do remédio que devia agir, com exclusão de qualquer outro.

O que dizemos da Medicina existe, da mesma maneira, em todos os outros ramos do trabalho humano. Em certas horas, o fogo da inspiração nos devora; há que ceder. E se pretendemos concentrar em nós mesmos o que de nós deve sair, um verdadeiro sofrimento se torna o castigo de nossa revolta.

Todos aqueles a quem Deus concedeu o dom sublime de criação, os poetas, os sábios, os artistas, os inventores, todos têm essas iluminações inesperadas, por vezes numa ordem de fatos muito diferentes de seus estudos ordinários, caso se tivesse pretendido violentar a sua vocação. Mas os Espíritos sabem o que devemos e podemos fazer, e vêm despertar incessantemente em nós as nossas atrações abafadas.

Sabe-se como Molière explicava essas desigualdades que desfiguram as mais belas peças de Corneille. “Esse diabo do homem, dizia ele, tem um gênio familiar, que vem por momentos soprar-lhe ao ouvido coisas sublimes; depois, de repente planta-o lá, dizendo-lhe: ‘Sai desta como puderes!’ E então não faz mais nada que valha.” Molière estava certo. O orgulhoso gênio de Corneille não tinha a dócil passividade necessária para suportar toda a inspiração do alto. Os Espíritos o abandonavam, e então ele adormecia, como por vezes fazia o próprio Homero.

Há os que escutam vozes interiores, que neles falam; Sócrates e Joana d’Arc eram destes. Outros nada escutam, mas são constrangidos a obedecer a uma força vitoriosa, que os domina.

Outras vezes, um nome vem ferir o ouvido do inspirado: é o de um amigo, de um indivíduo que nem mesmo conhece, do qual apenas ouviu falar. A personalidade desse amigo

desconhecido o penetra, nele se infunde; pouco a pouco pensamentos estranhos vêm substituir os seus. Por um momento tem o espírito daquele; obedece, escreve, sem saber, mau grado seu, se necessário, coisas que não sabe. E como essa obediência passiva, ao qual foi condenado, lhe é difícil de suportar em estado de vigília, foge dessas coisas escritas sob uma inspiração opressiva, e não as quer ler.

Esses pensamentos podem estar em desacordo formal com suas crenças, com seus sentimentos, ou antes, com aqueles que a educação lhe impôs, porque, para que certos Espíritos venham a ele, é preciso que exista alguma relação entre eles. Dão-lhe o pensamento, deixando-lhe o cuidado de achar a forma. É preciso, pois, que saibam que sua inteligência os pode compreender e assimilar momentaneamente suas idéias, para as traduzir.

É raro que as circunstâncias tenham permitido que nos desenvolvamos no sentido de nossas aptidões inatas. Os Espíritos mais adiantados sabem que corda é preciso tocar, para que esta entre em vibração. Ela havia ficado muda, porque tinham atacado outras, desprezando aquela. Por um momento eles lhe dão a vida. É um germe por muito tempo abafado, que eles fecundam. Depois o inspirado, voltando ao seu estado habitual, não se lembra mais, pois vive uma existência dupla, cada uma das quais independe da outra.

Entretanto, acontece também que conserve uma maior facilidade de compreensão, e conquiste um maior desenvolvimento intelectual. É a recompensa do esforço que fez, para dar uma forma compreensível aos pensamentos que outros vieram lhe revelar.

Não acreditamos que todo inspirado possa conhecer tudo. Cada um, conforme suas predisposições naturais, muitas vezes mantidas com desconhecimento dele próprio e dos outros, é inspirado por tal ou qual coisa, mas não o é igualmente por todas.

Com efeito, existem naturezas de tal modo antipáticas a certos conhecimentos, que os Espíritos não virão jamais bater numa porta que sabem não poder abrir.

Só em certa medida o futuro é conhecido pelos inspirados. Assim, não é certo dizer que um inspirado predisse para que mundo tal pessoa irá após a morte, e que julgamento Deus pronunciará contra ela. Isto é um jogo de imaginação alucinada. Por mais alto que o homem tenha subido na escala dos mundos, não conhece qual será o destino de seu irmão. É a parte reservada a Deus: jamais a criatura poderá usurpar os seus direitos.

Sim, há manifestações, mas não são contínuas, e nossa impaciência a seu respeito muitas vezes é condenável.

Sim, tudo se mantém e nada se rompe no imenso Universo. Sim, existe entre esta existência e as outras um laço simpático e indissolúvel, que liga e une uns aos outros todos os membros da família humana, e que permite aos melhores vir nos dar o conhecimento do que não sabemos. É por esse trabalho que se realiza o progresso; quer se chame trabalho da inteligência ou da inspiração, é a mesma coisa. A inspiração é o progresso superior, é o fundo: o trabalho pessoal aí põe a forma, juntando ainda a quintessência dos conhecimentos anteriormente adquiridos.

Nenhuma invenção nos pertence particularmente, porque outros lançaram antes a semente que recolhemos. Aplicamos à obra que queremos perseguir as forças e o trabalho da Natureza, que é de todos, e sem o auxílio da qual nada se faz, depois as forças e o trabalho acumulados por aqueles que nos prepararam os meios de triunfar.

A bem dizer, tudo é obra comum e coletiva, para confirmar ainda esse grande princípio de solidariedade e de associação, que é a base das sociedades e da lei de toda Criação.

O trabalho do homem jamais será tornado inútil pela inspiração. O Espírito que no-lo vem trazer respeitará sempre esta parte reservada ao indivíduo; ele a respeitará como uma coisa nobre e santa, pois o trabalho põe o homem na posse das faculdades que Deus depositou em germe em sua alma, a fim de que o objetivo de sua vida fosse de as fecundar. É por seu desenvolvimento que bem aprendeu a conhecer-se, e que mereceu aproximar-se dele.

A inspiração vem indiferentemente de dia, de noite, em vigília e durante o sono. Apenas exige recolhimento. É-lhe preciso encontrar naturezas que possam abstrair-se de toda preocupação do mundo real, para dar lugar livre e vago ao ser que vier envolvê-lo todo e lhe infundir seus pensamentos.

Nas horas de inspiração, o homem se torna muito mais acessível a todos os ruídos exteriores, e tudo o que vem do mundo real o perturba. Não mais está neste mundo, está num meio transitório, entre este e o outro, visto estar, de certo modo, impregnado da pessoa moral e intelectual de um ser elevado a uma outra esfera e que, no entanto, seu corpo se prende a este.

Embora se dirija a todos, a inspiração descerá mais especialmente sobre as naturezas doentias ou consumidas por uma sucessão de sofrimentos, materiais ou morais. Já que é um benefício, não é justo que os que sofrem sejam mais facilmente aptos a recebê-la?

A alucinação é um estado doentio, que o magnetismo pode modificar de maneira salutar. A inspiração é uma assimilação moral que se deve evitar provocar por passes magnéticos. O alucinado se entrega de bom grado a arroubos e a contorções ridículas. O inspirado é calmo.

Os inspirados são melancólicos. Necessitam ser refletidos; para ser alegre não há que refletir muito; é preciso gozar, na sua saúde, de um equilíbrio que nem sempre possuem. Mas não

vamos pensar que sejam difíceis e fantasiosos. Ao contrário, mostram-se dóceis e acessíveis com aqueles a quem amam.

Há inspirados de vários graus. Uns vêm dizer-vos coisas palpáveis, fatos de segunda vista, para que se possa constatar a realidade da iniciação. Outros, mais clarividentes e pouco preocupados com os procedimentos materiais, cujos segredos não são chamados a divulgar, repetem, como lhes vêm, os pensamentos trazidos por Espíritos de progresso. Os primeiros curam o corpo, os segundos são os médicos da alma.

A missão dos mais modestos limita-se a revelar como essas coisas lhes vêm. É um fato constatado que forças adiantadas de muitos graus vêm sobre nós, para nos dominar e nos inspirar. Para que o repetir? Acredite quem quiser. Mas sendo bem estabelecidas as constatações, não se deve tomar dos inspirados senão o lado útil e sério. Pouco importa, se as idéias são boas, de que fonte provêm.

Eug. Bonnemère

Votos de Ano-Novo de um Espírita de Leipzig

Um espírita de Leipzig mandou imprimir, em língua alemã, a seguinte mensagem, cuja tradução temos o prazer de dar.

**MEUS VOTOS DE FELIZ ANO-NOVO A TODOS OS ESPÍRITAS
E ESPIRITUALISTAS DE LEIPZIG**

Também a vós que vos chamais materialistas, porque só quereis conhecer a matéria, eu seria tentado a vos enviar os meus votos de felicidade, mas temo que considerareis isto como uma ousadia de um estranho, que não tem o direito de ser contado entre vós.

É diferente com os espiritualistas, que estão no mesmo terreno que os espíritas, no que respeita à imortalidade da alma, à sua individualidade e ao seu estado feliz ou infeliz depois da morte. Os espiritualistas e os espíritas reconhecem em cada homem uma alma irmã da sua e, por isto, me dão o direito de lhes enviar meus votos. Uns e outros agradecem ao Senhor pelo ano que acaba de passar e esperam que, sustentados por sua graça, tenham coragem para suportar a prova dos dias aziagos e a força de trabalhar o seu aperfeiçoamento, domando as más paixões.

A vós, caros espíritas, irmãos e irmãs conhecidos e desconhecidos, eu vos desejo particularmente um ano feliz, porque recebestes de Deus, para a vossa peregrinação terrena, um grande apoio no Espiritismo. A religião a todos veio trazer a fé, e bem-aventurados os que a conservaram. Infelizmente, ela está extinta num grande número; é por isso que Deus envia uma nova arma para combater a incredulidade, o orgulho e o egoísmo, que tomam proporções cada vez maiores. Essa arma nova é a comunicação com os Espíritos; por ela temos a fé, porque nos dá a certeza da vida da alma e nos permite lançar um olhar na outra vida; reconhecemos, assim, a vaidade da felicidade terrestre, e temos a solução das dificuldades que nos faziam duvidar de tudo, mesmo da existência de Deus.

Disse Jesus aos seus discípulos: “Muitas coisas teria ainda a vos dizer, mas não o poderíeis suportar.” Hoje, tendo a Humanidade progredido, pode compreendê-las. Eis por que Deus nos deu a ciência do Espiritismo, e a prova de que a Humanidade está madura para esta ciência, é que esta ciência existe. É inútil negar e zombar, como outrora era inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu. Então esses fatos eram tão pouco conhecidos quanto o são agora os do mundo dos Espíritos. Como outrora, os primeiros opositores são os sábios, até o dia em que, vendo-se isolados, reconhecerão humildemente que as novas descobertas, como o vapor, a eletricidade e o magnetismo, que

outrora eram desconhecidos, não são a última palavra das leis da Natureza. Serão responsáveis perante as gerações futuras por não terem acolhido a ciência nova como uma irmã das outras, e por tê-la repellido como loucura.

É verdade que ela não ensina nada de novo proclamando a vida da alma, pois o Cristo já falou dela; mas o Espiritismo levanta todas as dúvidas e lança uma nova luz sobre esta questão. Entretanto, guardemo-nos de considerar como inúteis os ensinamentos do Cristianismo, e de os crer substituídos pelo Espiritismo; ao contrário, fortifiquemo-nos na fonte das verdades cristãs, para as quais o Espiritismo não é senão um novo facho, a fim de que nossa inteligência e nosso orgulho não nos desencaminhem. O Espiritismo nos ensina, antes de qualquer coisa, que “Sem o amor e a caridade, não há felicidade”, isto é, que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Apoiando-se nesta verdade cristã, ele abre o caminho para a realização desta palavra do Cristo: “Um só rebanho e um só pastor.”

Assim, pois, caros irmãos e irmãs espíritas, permiti que, aos meus votos pelo Ano-Novo, eu ainda junte esta prece: Que jamais abuseis do poder de comunicação com o mundo espiritual. Não esqueçamos que, conforme a lei sobre a qual repousam nossas relações com os Espíritos, os maus não estão excluídos das comunicações. Se é difícil constatar a identidade de um Espírito que não conhecemos, é fácil distinguir os bons dos maus. Estes podem ocultar-se sob a máscara da hipocrisia, mas um bom espírita sempre os reconhece; eis por que não devemos ocupar-nos dessas coisas levemente, porque podemos nos tornar joguete de Espíritos maus, embora inteligentes, como por vezes são encontrados no mundo dos encarnados. Se compararmos nossas comunicações com as que são obtidas nas reuniões dos espíritas fervorosos e sinceros, logo saberemos reconhecer se estamos no bom caminho. Os Espíritos elevados se fazem reconhecer por sua linguagem, que é a mesma em toda parte, sempre de acordo com o Evangelho e a razão humana.

O meio de se preservar dos Espíritos maus é, primeiramente, fazer uma prece sincera a Deus; em segundo lugar, jamais empregar o Espiritismo para as coisas materiais. Os Espíritos maus estão sempre prontos a satisfazer a todos os pedidos e, por vezes, se dizem coisas justas, geralmente enganam com intenção ou por ignorância, porque os Espíritos inferiores não sabem mais do que sabiam na sua existência terrestre. Os Espíritos bons, ao contrário, nos ajudam em nossos esforços a nos melhorarmos e nos dão a conhecer a vida espiritual, a fim de que possamos assimilá-la à nossa. Tal o objetivo para onde devem tender todos os espíritas sinceros.

Adolf, conde Poninski

Leipzig, 1^ª de janeiro de 1868

Instruções dos Espíritos

OS MESSIAS DO ESPIRITISMO

1. – Já vos foi dito que um dia todas as religiões se confundirão numa mesma crença. Ora, eis como isto acontecerá. Deus dará um corpo a alguns Espíritos superiores, e eles pregarão o Evangelho puro. Um novo Cristo virá; porá fim a todos os abusos que duram há tanto tempo e reunirá os homens sob uma mesma bandeira.

Nasceu o novo Messias, e ele restabelecerá o Evangelho de Jesus-Cristo. Glória ao seu poder.

Não é permitido revelar o lugar onde ele nasceu; e se alguém vier vos dizer: “Ele está em tal lugar”, não acrediteis, porque ninguém o saberá antes que ele seja capaz de se revelar, e daqui até lá é preciso que grandes coisas se realizem, para aplinar os caminhos.

Se Deus vos deixar viver bastante, vereis pregar o verdadeiro Evangelho de Jesus-Cristo pelo novo Missionário de Deus, e uma grande mudança será feita pelas pregações desse Filho abençoado; à sua palavra poderosa, os homens das diferentes crenças se darão as mãos.

Glória a esse divino enviado, que vai restabelecer as leis mal compreendidas e mal praticadas do Cristo! Glória ao Espiritismo, que o precede e que vem esclarecer todas as coisas!

Crede, meus irmãos, que somente vós recebereis semelhantes comunicações. Mas guardai-as em segredo até nova ordem.

São José – Sétif (Argélia) 1861

Observação – Esta revelação é uma das primeiras deste gênero que nos foram transmitidas; mas outras já a tinham precedido. Depois, foi dado espontaneamente um grande número de comunicações sobre o mesmo assunto, em diferentes centros espíritas da França e do estrangeiro, todas concordes no fundo do pensamento. E como em toda parte compreenderam a necessidade de não as divulgar, e como nenhuma foi publicada, não poderiam ser o reflexo umas das outras. É um dos mais notáveis exemplos da simultaneidade e da concordância do ensino dos Espíritos quando é chegado o momento de uma questão.⁶

2. – Está incontestavelmente constatado que a vossa é uma época de transição e de fermentação geral; mas ainda não chegou àquele grau de maturidade que marca a vida das nações. É ao século vinte que está reservado o remanejamento da Humanidade; todas as coisas que vão realizar-se daqui até lá não

⁶ As comunicações deste gênero são inumeráveis. Aqui só nos referimos a algumas, e se as publicamos hoje é que é chegado o momento de levar o fato ao conhecimento de todos, e porque é útil para os espíritas saber em que sentido se pronuncia a maioria dos Espíritos.

passam de preliminares da grande renovação. O homem chamado a consumá-la ainda não está maduro para realizar sua missão; mas já nasceu: sua estrela apareceu na França marcada por uma auréola, e vos foi mostrada há pouco tempo na África. Sua rota está previamente marcada. A corrupção dos costumes, as desgraças que serão a consequência do desencadeamento das paixões, o declínio da fé religiosa serão os sinais precursores de seu advento.

A corrupção no seio das religiões é o sintoma de sua decadência, como é o da decadência dos povos e dos regimes políticos, porque ela é o indício de uma falta de fé verdadeira; os homens corrompidos arrastam a Humanidade para um despenhadeiro funesto, de onde ela não pode sair senão por uma crise violenta. Dá-se o mesmo com as religiões que substituem o culto da Divindade pelo culto do dinheiro e das honras, e que se mostram mais ávidas dos bens materiais da Terra do que dos bens espirituais do Céu.

Fénelon – Constantina, dezembro de 1861

3. – Quando uma transformação da Humanidade deve operar-se, Deus envia em missão um Espírito capaz, por seus pensamentos e por uma inteligência superior, de dominar seus contemporâneos e de imprimir às gerações futuras as idéias necessárias para uma revolução moral civilizadora.

Assim, de tempos em tempos vê-se elevar-se acima do comum dos mortais seres que, como faróis, os guiam na via do progresso e os fazem transpor em alguns anos as etapas de vários séculos. O papel de alguns é limitado a um país ou a uma raça; são como oficiais subalternos, cada um conduzindo uma divisão do exército; mas há outros cuja missão é agir sobre a Humanidade inteira, que não aparecem senão nas épocas mais raras, que marcam a era das transformações gerais.

Jesus-Cristo foi um desses enviados excepcionais; do mesmo modo tereis, para os tempos chegados, um Espírito superior que dirigirá o movimento de conjunto e dará uma coesão poderosa às forças esparsas do Espiritismo.

Deus sabe na hora certa modificar nossas leis e nossos hábitos; e quando um fato novo se apresentar, esperai e orai, porque o Eterno nada faz que não seja segundo as leis de divina justiça, que regem o Universo.

Para vós que tendes fé, e que consagrastes a vossa vida à propaganda da idéia regeneradora, isto deve ser simples e justo; mas só Deus conhece aquele que está prometido. Limito-me a dizer-vos: Esperai e orai, porque o tempo é chegado e o novo Messias não vos faltará: Deus saberá designá-lo a seu tempo. E, aliás, é por suas obras que ele se afirmará.

Podeis esperar por muitas coisas, vós que vedes tantas estranhas em relação às idéias admitidas pela civilização moderna.

Baluze – Paris, 1862

4. – Eis uma questão que se repete em toda parte: o Messias anunciado é a pessoa mesma do Cristo?

Ao lado de Deus estão numerosos Espíritos chegados ao topo da escala dos Espíritos puros, que mereceram ser iniciados em seus desígnios, para dirigirem a sua execução. Deus escolheu dentre eles seus enviados superiores, encarregados de missões especiais. Podeis chamá-los *Cristos*: é a mesma escola; são as mesmas idéias modificadas conforme os tempos.

Não fiquéis, pois, admirados de todas as comunicações que vos anunciam a vinda de um Espírito poderoso sob o nome do Cristo; é o pensamento de Deus revelado numa certa época, e que

é transmitido pelo grupo dos Espíritos superiores que se acercam de Deus e recebe as suas emanações para presidir o futuro dos mundos que gravitam no espaço.

O que morreu na cruz tinha uma missão a cumprir, e essa missão se renova hoje por outros Espíritos desse grupo divino, que vêm, eu vo-lo repito, presidir aos destinos de vosso mundo.

Se o Messias de que falam essas comunicações não é a personalidade de Jesus, é o mesmo pensamento. É aquele que Jesus anunciou, quando disse: “Eu vos enviarei o *Espírito de Verdade*, que deve restabelecer todas as coisas”, isto é, reconduzir os homens à sã interpretação de seus ensinamentos, porque ele previa que os homens se desviariam do caminho que lhes havia traçado.

Aliás, era preciso completar o que então não lhes havia dito, porque não teria sido compreendido. Eis por que uma multidão de Espíritos de todas as ordens, sob a direção do Espírito de Verdade, veio a todas as partes do mundo e a todos os povos, revelar as leis do mundo espiritual, cujo ensino Jesus havia adiado, e lançar, pelo Espiritismo, os fundamentos da nova ordem social. Quando todas as bases estiverem postas, então virá o Messias, que deve coroar o edifício e presidir à reorganização, auxiliado pelos elementos que tiverem sido preparados.

Mas não creiais que esse Messias esteja só; haverá muitos que abraçarão, pela posição que cada um ocupará no mundo, as grandes partes da ordem social: a política, a religião, a legislação, a fim de as fazer concordar com o mesmo objetivo.

Além dos Messias principais, Espíritos de escol surgirão em todas as partes e que, como lugar-tenentes animados da mesma fé e do mesmo desejo, agirão de comum acordo, sob o impulso do pensamento superior.

É assim que, pouco a pouco, se estabelecerá a harmonia do conjunto; mas é preciso, primeiramente, que se realizem certos acontecimentos.

Lacordaire – Paris, 1862

OS ESPÍRITOS MARCADOS

5. – Há muitos Espíritos superiores que concorrerão poderosamente para a obra regeneradora, mas nem todos são Messias. É preciso distinguir:

1. Os Espíritos superiores, que agem livremente e por sua própria vontade;

2. Os Espíritos *marcados*, isto é, designados para uma missão importante. Têm a irradiação luminosa, que é o sinal característico de sua superioridade. São escolhidos entre os Espíritos capazes de as cumprir; entretanto, como têm livre-arbítrio, podem falir por falta de coragem, de perseverança ou de fé e não estão livres dos acidentes que podem abreviar os seus dias. Mas como os desígnios de Deus não estão à mercê de um homem, o que um não faz, o outro é chamado a fazer. Eis por que há muitos chamados e poucos escolhidos. Feliz aquele que realiza sua missão segundo as vistas de Deus e sem desfalecimento!

3. Os *Messias*, seres superiores, chegados ao mais alto grau da hierarquia celeste, depois de terem atingido uma perfeição que os torna infalíveis daí por diante, e acima das fraquezas humanas, mesmo na encarnação. Admitidos nos conselhos do Altíssimo, recebem diretamente sua palavra, que são encarregados de transmitir e fazer cumprir. Verdadeiros representantes da Divindade, da qual têm o pensamento, é entre eles que Deus escolhe seus enviados especiais, ou seus *Messias*, para as grandes missões gerais, cujos detalhes de execução são confiados a outros

Espíritos encarnados ou desencarnados, agindo por suas ordens e sob sua inspiração.

Espíritos dessas três categorias devem concorrer ao grande movimento regenerador que se opera.

Êxtase sonambúlico – Paris, 1866

6. – Venho, meus amigos, confirmar a esperança dos altos destinos que esperam o Espiritismo. Esse glorioso futuro que vos anunciamos será realizado pela vinda de um Espírito superior, que resumirá, na essência de sua perfeição, todas as doutrinas antigas e novas, e que, pela autoridade de sua palavra, ligará os homens às crenças novas. Semelhante ao Sol nascente, dissipará todas as obscuridades amontoadas sobre a eterna verdade, pelo fanatismo e pela inobservância dos preceitos do Cristo.

Estrela da nova crença, o futuro Messias cresce na sombra; mas já os seus inimigos tremem e as virtudes dos céus estão abaladas.

Perguntais se esse novo Messias é a pessoa mesma de Jesus de Nazaré? Que vos importa, se é o mesmo pensamento que os anima a ambos? São as imperfeições que dividem os Espíritos; mas quando as perfeições são iguais, nada os distingue; formam unidades coletivas, sem perderem a sua individualidade.

O começo de todas as coisas é obscuro e vulgar; o que é pequeno cresce; nossas manifestações, a princípio acolhidas com o desdém, a violência ou a indiferença banal da curiosidade ociosa, espalharão ondas de luz sobre os cegos e os regenerarão.

Todos os grandes acontecimentos têm seus profetas, ora incensados, ora desprezados. Assim como Moisés conduzia os hebreus, nós vos conduziremos para a terra prometida da inteligência.

Similitude impressionante! os mesmos fenômenos se repetem, não mais no sentido material, destinado a ferir os homens infantis, mas na sua acepção espiritual. As crianças se tornaram adultos; crescendo o objetivo, os exemplos não mais se dirigem aos olhos; a vara de Aarão está partida, e a única transformação que operamos é a de vossos corações, tornados atentos ao grito de amor que, do Céu, repercute na Terra.

Espíritas! compreendi a gravidade de vossa missão; estremecei de alegria, porque não está longe a hora em que o divino enviado alegrará o mundo. Espíritas laboriosos, sede benditos em vossos esforços e perdoados em vossos erros. A ignorância e a perturbação ainda vos ocultam uma parte da verdade que só o celeste Mensageiro vos pode revelar inteiramente.

São Luís – Paris, 1862.

7. – A vinda do Cristo trouxe à vossa Terra sentimentos que, por um instante, a submeteram à vontade de Deus; mas os homens, enceguecidos por suas paixões, não puderam guardar no coração o amor do próximo, o amor do Mestre do céu. O enviado do Todo-Poderoso abriu à Humanidade a estrada que conduz à mansão dos bem-aventurados; mas a Humanidade recuou um passo imenso que o Cristo a tinha feito dar; caiu no ramerrão do egoísmo, e o orgulho a fez esquecer o seu Criador.

Deus permite que ainda uma vez sua palavra seja pregada na Terra, e tereis que o glorificar porque fostes dos primeiros a quem ele se dignou chamar a crer no que mais tarde será ensinado. Rejubilai-vos, porque estão próximos os tempos em que essa palavra se fará ouvir. Melhorai-vos, aproveitando os ensinamentos que ele permite que vos demos.

Que a árvore da fé, que neste momento finca raízes tão vigorosas, produza os seus frutos; que esses frutos amadureçam, como amadurecerá a fé que hoje anima alguns entre vós.

Sim, meus filhos, o povo se comprimirá sobre os passos do novo mensageiro anunciado pelo próprio Cristo, e todos virão escutar essa divina palavra, porque nela reconhecerão a linguagem da verdade e o caminho da salvação. Deus, que permitiu que vos esclarecêssemos, que sustentássemos vossa marcha até hoje, permitirá ainda que vos demos as instruções que vos são necessárias.

Mas também vós, os primeiros favorecidos pela crença, tendes vossa missão a cumprir; tereis de trazer aqueles do vosso meio que ainda duvidam das manifestações que Deus permite; tereis de fazer luzir aos seus olhos os benefícios daquilo que tanto vos consolou; porque nos vossos dias de tristeza e de abatimento a vossa crença não vos sustentou? não fez nascer em vosso coração esta esperança que, sem ela, teríeis ficado no desalento?

Eis o que é preciso fazer partilhar os que ainda não crêem, não por uma precipitação intempestiva, mas com prudência e sem chocar de frente os preconceitos longamente arraigados. Não se arranca uma velha árvore de um golpe só, como se fora um pé de erva, mas pouco a pouco.

Semeai desde agora o que mais tarde quereis colher; semeai o grão que virá frutificar no terreno que tiverdes preparado e cujos frutos vós mesmos colhereis, porque Deus vos levará em conta o que tiverdes feito por vossos irmãos.

Lamennais – Havre, 1862

FUTURO DO ESPIRITISMO

8. – Depois de suas primeiras etapas, o Espiritismo, aguerrido, desembaraçando-se cada vez mais das obscuridades que lhe serviram de fraldas, em breve fará sua aparição na grande cena do mundo.⁷

⁷ Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 543.

Os acontecimentos marcham com tal rapidez que não se pode ignorar a poderosa intervenção dos Espíritos que presidem aos destinos da Terra. Há como que um estremecimento íntimo nos flancos do vosso globo, em trabalho de gestação; novas raças saídas das altas esferas vêm rodopiar em torno de vós, esperando a hora de sua encarnação messiânica, e para isto se preparando pelo estudo das vastas questões que hoje agitam a Terra.

De todos os lados vêm-se sinais de decrepitude nos usos e legislações, que não mais estão de acordo com as idéias modernas. As velhas crenças adormecidas há séculos parecem despertar de seu torpor secular e se admiram de se verem em luta com novas crenças, emanadas dos filósofos e dos pensadores deste e do século passado. O sistema degenerado de um mundo que não passava de um simulacro, se esboroa ante a aurora do mundo real, do mundo novo. A lei de solidariedade, da família passou aos habitantes dos Estados, para em seguida conquistar a Terra inteira; mas esta lei tão sábia, tão progressiva, essa lei divina, numa palavra, não se limitou a esse resultado único; infiltrando-se no coração dos grandes homens, ensinou-lhes não só que ela era necessária ao grande melhoramento da vossa habitação, mas que se estendia a todos os mundos do vosso sistema solar, para de lá se estender a todos os mundos da imensidade!

É bela essa lei de solidariedade universal, porque nela se encontra essa máxima sublime: Todos por um e um por todos.

Eis, meus filhos, a verdadeira lei do Espiritismo, a verdadeira conquista de um futuro próximo. Marchai, pois, imperturbavelmente em vossa estrada, sem vos preocupar com as zombarias de uns e o amor-próprio ferido de outros. Estamos e ficaremos convosco, sob a égide do Espírito de Verdade, meu e vosso mestre.

9. – Cada dia o Espiritismo estende o círculo de seu ensino moralizador. Sua grande voz ecoou de um extremo a outro da Terra. A sociedade se comoveu com ela e de seu seio partiram adeptos e adversários.

Adeptos fervorosos, adversários hábeis, mas cuja habilidade e renome serviram à própria causa que queriam combater, chamando para a doutrina nova a atenção das massas e lhes dando o desejo de conhecer os ensinamentos regeneradores, que seus adeptos preconizam, e que os faziam escarnecer e ridicularizar.

Contemplai o trabalho realizado e rejubilai-vos com o resultado! Mas que efervescência indizível não se produzirá entre os povos, quando seus mais amados escritores vierem juntar-se aos nomes mais obscuros ou menos conhecidos dos que se aglomeram em torno da bandeira da verdade!

Vede o que produziram os trabalhos de alguns grupos isolados, na maioria entravados pela intriga e pela malquerença, e julgai da revolução que se operará quando todos os membros da grande família espírita se derem as mãos e declararem, de fronte altiva e coração firme, a sinceridade de sua fé e de sua crença na realidade do ensinamento dos Espíritos.

As massas amam o progresso, buscam-no, mas não o temem. O desconhecido inspira um secreto terror aos filhos ignorantes de uma sociedade embalada em preconceitos, que ensaia os primeiros passos na via da realidade e do progresso moral. As grandes palavras de liberdade, de progresso, de amor, de caridade ferem o povo sem o comover; muitas vezes ele prefere seu estado presente e medíocre a um futuro melhor, mas desconhecido.

A razão desse pavor do futuro está na ignorância do sentimento moral num grande número, e do sentimento

inteligente em outros. Mas, como disseram vários filósofos, divagando sobre uma concepção falsa da origem das coisas, inclusive eu – por que coraria de o dizer? não poderia enganar-me? – não é verdade que a Humanidade seja má por essência. Não; aperfeiçoando a sua inteligência ela não dará um impulso maior às suas más qualidades. Afastai de vós esses pensamentos desesperadores, que repousam num falso conhecimento do espírito humano.

A Humanidade não é má por natureza; mas é ignorante e, por isso mesmo, mais apta a se deixar governar por suas paixões. É progressiva e deve progredir para atingir os seus destinos; esclarecei-a; mostrai seus inimigos ocultos na sombra; desenvolvi sua essência moral, nela inata, e apenas adormecida sob a influência dos maus instintos e reanimareis a centelha da eterna verdade, da eterna presciência do infinito, do belo e do bom, que reside para sempre no coração do homem, mesmo o mais perverso.

Filhos de uma doutrina nova, reuni vossas forças; que o sopro divino e o socorro dos Espíritos bons vos sustentem, e fareis grandes coisas. Tereis a glória de haver posto as bases dos princípios imperecíveis, cujos frutos vossos descendentes recolherão.

Montaigne – Paris, 1865

AS ESTRELAS CAIRÃO DO CÉU

10. – Oh! como é bela a luz do Senhor! que brilho prodigioso espalham seus raios! Santa Sião! bem-aventurados os que estão sentados à sombra de teus tabernáculos! Oh! que harmonia é comparável às esferas do Senhor? Beleza incompreensível para olhos mortais, incapazes de perceber tudo quando não depende do domínio dos sentidos!

Aurora esplêndida de um dia novo, o Espiritismo vem iluminar os homens. Os clarões mais fortes já aparecem no horizonte; os Espíritos das trevas, vendo que seu império vai desmoronar, são vítimas de raivas impotentes e já põem sua última energia em complôs infernais; o anjo radioso do progresso já estende suas brancas asas coloridas; as virtudes dos céus já se abalam e as estrelas caem de sua abóbada, mas transformadas em Espíritos puros, que vêm, como anuncia a Escritura em linguagem figurada, proclamar sobre as ruínas do velho mundo o advento do Filho do Homem.

Bem-aventurados aqueles cujos corações estão preparados para receber a semente divina, que os Espíritos do Senhor lançam a todos os ventos do céu! Bem-aventurados os que cultivam, no santuário da alma, as virtudes que o Cristo lhes veio ensinar, e que ainda lhes ensina pela voz dos médiuns, isto é, dos instrumentos que repetem as palavras dos Espíritos! Bem-aventurados os justos, porque o reino dos céus lhes pertencerá!

Ó, meus amigos! continuai a marchar no caminho que vos é traçado; não vos constituais em obstáculos à verdade que quer esclarecer o mundo. Não; sede propagadores zelosos e infatigáveis como os primeiros apóstolos, que não tinham teto para abrigar suas cabeças, mas que marchavam para a conquista que Jesus havia começado; que marchavam sem idéia preconcebida, sem hesitação; que tudo sacrificavam, até a última gota de seu sangue, a fim de que o Cristianismo fosse implantado.

Vós, meus amigos, não necessitais de sacrifícios tão grandes. Não; Deus não vos pede vossa vida, mas o vosso coração, vossa boa vontade. Sede, pois, zelosos e marchai unidos e confiantes, repetindo a palavra divina: “Meu Pai, que seja feita a vossa vontade, e não a minha!”

OS MORTOS SAIRÃO DE SEUS TÚMULOS

11. – Povos, escutai!... Uma voz se faz ouvir de um extremo a outro dos mundos: é a do precursor anunciando a vinda do Espírito de Verdade, que vem endireitar os caminhos tortuosos por onde o espírito humano se desgarrava em falsos sofismas. É a trombeta do anjo vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.

Muitas vezes tendes lido a revelação de João e vos perguntastes: Mas, que quer ele dizer? Como se cumprirão essas coisas surpreendentes? E, confusa, vossa razão mergulhava num tenebroso labirinto, de onde não podia sair, porque queríeis tomar ao pé da letra o que estava escrito em sentido figurado.

Agora que chegou o tempo em que uma parte dessas predições vai cumprir-se, pouco a pouco aprendereis a ler nesse livro onde o discípulo bem-amado consignou as coisas que lhe tinha sido dado ver. Entretanto, as más traduções e as falsas interpretações ainda vos aborrecerão um pouco, mas com um trabalho perseverante chegareis a compreender o que, até o presente, tinha sido para vós uma carta fechada.

Apenas compreendi que, se Deus permite que os selos sejam levantados mais cedo para alguns, não é para que esse conhecimento fique estéril em suas mãos, mas para que, pioneiros infatigáveis, desbravem as terras incultas; é para que fecundem com o doce orvalho da caridade os corações ressequidos pelo orgulho e impedidos pelos embaraços mundanos, onde a boa semente da palavra de vida não pôde ainda germinar

Ah! quantos encaram a vida humana como devendo ser uma festa perpétua, em que as distrações e os prazeres se sucedem sem interrupção! Inventam mil nadas para encantar os seus lazes; cultivam seu espírito, porque é uma das facetas brilhantes que servem para fazer ressaltar sua personalidade; são semelhantes a

essas bolhas efêmeras, refletindo as cores do prisma e se balançando no espaço: atraem os olhares por algum tempo, depois as procurais... e elas desapareceram sem deixar traços. Do mesmo modo, essas almas mundanas brilharam com uma luz que não lhes era própria, durante sua curta passagem terrena, e dela nada restou de útil, nem para os seus semelhantes, nem para elas mesmas.

Vós que conheceis o valor do tempo, vós a quem as leis da eterna sabedoria são reveladas pouco a pouco, sede nas mãos do Todo-Poderoso, instrumentos dóceis servindo para levar a luz e a fecundidade a essas almas, das quais é dito: “Têm olhos e não vêem, ouvidos e não escutam”, porque se tendo desviado do facho da verdade e escutado a voz das paixões, sua luz não passa de trevas, em meio das quais o Espírito não pode reconhecer a estrada que o faz gravitar para Deus.

O Espiritismo é essa voz poderosa que já repercute até os confins da Terra; todos a ouvirão. Felizes os que, não tapando voluntariamente os ouvidos, sairão de seu egoísmo, como o fariam os mortos de seus sepulcros, e daí por diante realizarão os atos da vida verdadeira, a do Espírito se desembaraçando dos entraves da matéria, como fez Lázaro de seu sudário, à voz do Salvador.

O Espiritismo marca a hora solene do despertar das inteligências que usaram o seu livre-arbítrio para se demorarem nos atalhos lamacentos, cujos miasmas deletérios infectaram a alma com um veneno lento, que lhe dá as aparências da morte. O Pai celeste tem piedade desses filhos pródigos, caídos tão baixo que nem mesmo pensam na morada paterna e é para eles que permite essas manifestações brilhantes, destinadas a convencer que, além deste mundo de formas perecíveis, a alma conserva a lembrança, o poder e a imortalidade.

Possam eles, esses pobres escravos da matéria, sacudir o torpor que os impediu de ver e compreender até hoje; possam

estudar com sinceridade, a fim de que a luz divina, penetrando sua alma, dela expulse a dúvida e a incredulidade.

João Evangelista – Paris, 1866

O JUÍZO FINAL

12. – Jesus virá sobre as nuvens para julgar os vivos e os mortos. Sim, Deus o enviará, como o envia todos os dias, para fazer esta justiça soberana nas planícies imensas do éter. Ah! quando São Tiago foi precipitado do alto da torre do templo de Jerusalém, pelos pontífices e fariseus, por ter anunciado ao povo reunido esta verdade ensinada pelo Cristo e seus apóstolos, lembrai-vos de que a esta palavra do justo a multidão se prosternou, exclamando: Glória a Jesus, filho de Deus, no mais alto dos céus!

Ele virá sobre as nuvens proferir suas temíveis sentenças: não é vos dizer, ó espíritas, que ele vem perpetuamente receber as almas dos que entram na erraticidade? Passai à minha direita, diz o pastor às suas ovelhas, vós que agistes bem, segundo as vistas de meu Pai, passai à minha direita e subi para ele; quanto a vós, que vos deixastes dominar pelas paixões terrenas, passai à minha esquerda; estais condenados.

Sim, estais condenados a recomeçar o caminho percorrido, em nova existência terrestre, até que vos tenhais saciado de matérias e iniquidades, e que, enfim, tenhais expulsado o impuro que vos domina. Sim, estais condenados; ide e voltai ao inferno da vida humana, enquanto vossos irmãos da minha direita vão se precipitar nas esferas superiores, de onde as paixões da Terra estão excluídas, até o dia em que entrarem no reino de meu Pai, por uma maior purificação.

Sim, Jesus virá julgar os vivos e os mortos. Os vivos: os justos, os da sua direita; os mortos: os impuros, os da sua esquerda;

e quando brotarem as asas dos justos, a matéria ainda se apossará dos impuros. E isto até que estes saiam vencedores dos combates contra a impureza e enfim se despojem, para sempre, de suas crisálidas humanas.

Ó espíritas! vedes que a vossa doutrina é a única que consola, a única que dá esperança, não condenando a uma danação eterna os infelizes que se comportaram mal durante alguns minutos da eternidade; a única, enfim, que preside ao fim verdadeiro da Terra pela elevação gradual dos Espíritos.

Progredi, pois, despojando o homem velho, para entrar na região dos Espíritos amados por Deus.

Erasto – Paris, 1861

13. – A sociedade em geral ou, melhor dizendo, a reunião dos seres, tanto encarnados quando desencarnados, que compõem a população flutuante de um mundo, numa palavra, a Humanidade, não é senão uma grande criança coletiva que, como todo ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem em cada um, desde o nascimento até a mais avançada idade; e assim como o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado por certas perturbações físicas e intelectuais, que se dão mais particularmente em certos períodos da vida, a Humanidade tem as suas doenças de crescimento, suas perturbações morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas que terminam um período e que começam outro que vos é dado assistir. Participando ao mesmo tempo das coisas do passado e das do futuro, nos sistemas que se aniquilam e nas verdades que se estabelecem, tende cuidado, meus amigos, de vos pôr do lado da solidez, da progressão e da lógica, se não quiserdes ser arrastados sem rumo; e abandonai os palácios suntuosos quanto à aparência, mas vacilantes pela base, e que logo sepultarão sob suas ruínas os infelizes bastante insensatos que deles não querem sair, a despeito dos avisos de toda natureza que lhes são prodigalizados.

Todas as frentes se tornam sombrias, e a calma aparente que desfrutais não serve senão para acumular maior número de elementos destruidores.

Algumas vezes a tempestade que destrói o fruto dos suores de um ano é precedida por mensageiros que permitem tomar as precauções necessárias para evitar, tanto quanto possível, a devastação. Desta vez não será assim. O céu carregado parecerá iluminar-se; as nuvens fugirão; depois, de repente, todos os furores, por muito tempo reprimidos, se desencadearão com uma violência inaudita.

Infeliz dos que não tiverem preparado um abrigo! infelizes dos fanfarrões que enfrentarem o perigo de mãos desarmadas e peito descoberto! infelizes dos que desafiarem o perigo com a taça na mão! Que decepção terrível os espera! Antes que a taça que sustentam alcancem seus lábios eles serão atingidos!

À obra, pois, espíritas, e não esqueçais que deveis ser todo prudência e todo previdência. Tendes um escudo, sabeis dele vos servir; uma tábua de salvação: não a desprezeis.

Clélie Duplantier – Paris, 1867

APRECIÇÃO DA OBRA A GÊNESE

(Paris, 18 de dezembro de 1867 – Médiun: Sr. Desliens)

Esta obra vem na hora certa, na medida em que a doutrina está hoje bem estabelecida do ponto de vista moral e religioso. Seja qual for a direção que tome de agora em diante, tem precedentes muito arraigados no coração dos adeptos, para que ninguém possa temer que ela se desvie de seu caminho.

O que importava satisfazer antes de tudo, eram as aspirações da alma; era suprir o vazio deixado pela dúvida nas almas vacilantes em sua fé. Esta primeira missão hoje está cumprida. O

Espiritismo entra atualmente em uma nova fase; ao atributo de *consolador*, alia o de instrutor e diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas ternas; a Ciência, a solidariedade, a progressão, o espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes. Conquistou os corações que amam com armas de doçura; hoje viril, é às inteligências viris que se dirige. Materialistas, positivistas, todos os que, por um motivo qualquer, se afastaram de uma espiritualidade cujas imperfeições suas inteligências lhes mostravam, nele vão encontrar novos alimentos para sua insaciabilidade. A Ciência é sua senhora, mas uma descoberta chama outra, e o homem avança sem cessar com ela, de desejo em desejo, sem encontrar completa satisfação. É que o Espírito também tem suas necessidades; é que a alma mais ateísta tem aspirações secretas, inconfessadas, e que essas aspirações reclamam seu alimento.

A religião, antagonista da Ciência, respondia pelo mistério a todas as questões da filosofia céptica. Ela violava as leis da Natureza e as adaptava à sua fantasia, para daí extrair uma explicação incoerente de seus ensinamentos. Vós, ao contrário, vos sacrificais à Ciência; aceitais todos os seus ensinamentos sem exceção e lhe abris horizontes que ela supunha intransponíveis. Tal será o efeito desta nova obra; não poderá senão assegurar mais os fundamentos da crença espírita nos corações que já a possuem, e fará dar um passo à frente para a unidade a todos os dissidentes, à exceção, entretanto, dos que o são por interesse ou por amor-próprio; esses o vêem com despeito sobre bases cada vez mais inabaláveis, que os lançam para trás e os rechaçam na sombra. Só havia pouco ou nenhum terreno comum onde se pudessem encontrar. Hoje, o materialismo vos acotovela por toda parte, porque estando em seu terreno, não estareis menos no vosso, e ele não poderá fazer outra coisa senão aprender a conhecer os hóspedes que lhe traz a filosofia espírita. É um instrumento de duplo efeito: uma sapa, uma mina que ainda derruba algumas

ruínas do passado, uma colher de pedreiro que edifica para o futuro.

A questão de origem que se prende à Gênese é para todos uma questão apaixonada. Um livro escrito sobre esta matéria deve, em consequência, interessar a todos os espíritos sérios. Por esse livro, como vos disse, o Espiritismo entra numa nova fase e esta preparará as vias da fase que mais tarde se abrirá, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Antecipar o momento propício é tão prejudicial quanto deixá-lo escapar.

São Luís

Bibliografia

SÍNTESE DA DOCTRINA ESPÍRITA

Por Florent Loth, de Amiens⁸

Esse livro, que apenas pudemos anunciar em nosso último número, é um resumo dos princípios mais essenciais da Doutrina Espírita. Compõe-se, em sua maior parte, de citações textuais tomadas das obras fundamentais, e de exemplos tirados de *O Céu e o Inferno*, próprios a dar, sobre as consequências da maneira pela qual se emprega a vida, uma idéia mais justa, mais racional, mais satisfatória e, sobretudo, mais conforme à justiça de Deus que a doutrina das chamas eternas. O autor não faz de seu livro uma questão de amor-próprio, nem de interesse. Espírita fervoroso e devotado, publicou-o sobretudo com vistas a propagar a Doutrina nos campos de seu Departamento; a modéstia de seus pontos de vista não impede que esse livrinho possa ser muito útil em outros lugares.

⁸ Pequena brochura in-8^o, de 150 páginas; preço: 1 fr. 25 c. – Pelo correio: 1 fr. 50 c. – Amiens, principais livrarias. Também nos escritórios da *Revista Espírita*.

Eis o relato que o *Journal d'Amiens*, de 29 de dezembro de 1867, deu desse opúsculo. Fazemo-lo seguir da carta dirigida pelo Sr. Loth, a propósito desse relato, ao autor do artigo, e que o mesmo jornal publicou em seu número de 17 de janeiro.

Síntese da Doutrina Espírita

Eis um livrinho bastante curioso, escrito por um aldeão de Saint-Sauflieu. É verdade que o autor morou muito tempo em Paris, e foi nesta cidade que pôde entrar em contato com os apóstolos do Espiritismo.

Como nos interessamos por todas as publicações de nossa região, quisemos travar conhecimento com esta obra. Haviam-nos dito que a obra do Sr. Florent Loth tinha sido posta no índice, nas comunas vizinhas de sua aldeia; esta notícia excitou a nossa curiosidade e nos decidimos a ler a *Síntese da Doutrina Espírita*. A gente gosta mesmo do fruto proibido.

Quanto a nós, que não temos o menor interesse em censurar ou aprovar a obra do autor, diremos francamente, para nos pormos à vontade, que não acreditamos no Espiritismo, que não damos nenhum crédito às mesas girantes ou falantes, porque à nossa razão repugna admitir que objetos materiais possam ser dotados da menor inteligência. Também não acreditamos no dom da segunda vista, ou, melhor dizendo, na faculdade de ver através de paredes espessas, ou de distinguir a grandes distâncias o que se passa ao longe, isto é, a várias centenas de léguas. Enfim, para continuar nossas confissões preliminares, acrescentamos que não temos nenhuma fé nos Espíritos que voltam, e que o homem, mais ou menos inspirado, não tem o poder de evocar e, sobretudo, de fazer falarem as almas dos mortos.

Dito isto, para limpar o terreno de tudo o que não entra em nossos pontos de vista, reconhecemos que o livro do Sr. Florent Loth não é uma obra má. Sua moral é pura, o amor do

próximo aí é recomendado, a tolerância para as crenças alheias nele é defendido: isto explica a boa saída desta obra.

Mas dizer que adeptos convictos da Doutrina Espírita, *com todas as suas partes admitidas*, se formarão em conseqüência da leitura da obra do nosso compatriota, seria avançar um fato que não se realizará. No que nos parece razoável e, falemos claro, ter senso comum, segundo a melhor acepção destes termos, há coisas excelentes. Assim, certos abusos são repelidos com razões evidentes, claras e precisas; e se o autor procura convencer, é sempre pela doçura e pela persuasão.

Portanto, deixando de lado tudo quanto se liga às *práticas materiais* do Espiritismo, práticas nas quais não acreditamos absolutamente, poder-se-ia retirar da leitura do livro em questão muito boas noções de moral, de tolerância e de amor pelo próximo. Sob esse ponto de vista, aprovamos inteiramente o Sr. Florent Loth e não compreendemos o interdito lançado contra o seu opúsculo.

A *Síntese da Doutrina Espírita* será um dia proibida pela Congregação do *Índex*, cuja sede está em Roma? É uma questão ainda não resolvida, porque este livrinho não está destinado a transpor nossas fronteiras picardas. Contudo, se o fato se desse, o Sr. Florent Loth recolheria por sua obra uma notoriedade na qual jamais deverá ter pensado.

Quanto às *experiências físicas* do Espiritismo, deixemos falar aqui o Sr. Georges Sauton, um dos nossos confrades, o qual no *Liberté* de quarta-feira, 11 de setembro de 1867, assim se exprimia sobre uma sessão espírita realizada em Paris, em casa de um doutor em Medicina:

“O doutor F.. amealhou certa fortuna. Ele a consome fazendo sessões espíritas, que lhe custam muito caro em velas e em médiuns.

“Ontem à noite ele havia convidado a imprensa para a sua reunião mensal. Esses espíritos deviam ser interrogados a respeito do zuavo Jacob e dizer sua maneira de pensar relativamente a esse interessante militar. O Sr. Babinet, do Instituto, havia prometido honrar a reunião com a sua presença; pelo menos o anfitrião, pelas cartas de convite, o tinha deixado entender.

“Albert Brun, Victor Noir e eu fomos à casa do doutor. Nada, absolutamente nada do Sr. Babinet.

“Dez pessoas em volta de uma mesa faziam girar o móvel, que girava mal; trinta outras, entre as quais muitos condecorados, as olhavam.”

“Os Espíritos, sem dúvida indispostos, foram reticentes no falar. Apenas se dignaram imitar o ruído da serra, dos martelos dos tanoeiros e dos ferreiros batendo nos tonéis e na bigorna. Pediram-lhes que cantassem *A mulher de barba* e *Tenho bom tabaco*, mas eles não cantaram. Intimaram-nos a fazer uma pêra saltar no ar, mas a pêra não saltou.”

Nada acrescentaremos a este pequeno e espirituoso relato.

Terminemos por um extrato do prefácio do autor, no qual a *parte moral* de suas idéias é exposta:

“O Espiritismo não tem a pretensão de impor sua crença; só pela persuasão é que ele espera chegar ao seu objetivo, que é o bem da Humanidade. Liberdade de consciência: assim, creio firmemente na existência da alma e na sua imortalidade; creio nas penas e recompensas futuras; creio nas manifestações dos Espíritos, isto é, nas almas dos que viveram nesta Terra ou em outros mundos; e creio nisto em virtude do direito que tem o meu vizinho de não crer; mas me é tão fácil provar-lhe a minha afirmação, quanto lhe é impossível me provar a sua negação,

porque a negação dos incrédulos não é uma prova. O fato, dizem eles, é contrário às leis conhecidas. Pois bem! é que repousa sobre uma lei desconhecida; não se podem conhecer todas as leis da Natureza, porque

Deus é grande e tudo pode!...

“Pessoas malévolas espalharam o boato que o Espiritismo era um obstáculo ao progresso da religião. Essas pessoas, mais ignorantes do que realmente piedosas, não conhecendo absolutamente a Doutrina, nem podem apreciá-la nem julgá-la.

“Nós dizemos, nós, e ainda provamos, que o ensino dos Espíritos é muito cristão, que se apóia na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus e na moral do Cristo.”

A citação desta profissão de fé pelo autor será suficiente para dar a conhecer a sua maneira de ver. Cabe ao leitor apreciar a obra de que falamos.

Fazendo este relato, apenas quisemos constatar um fato: é que em nossa província da Picardia, o Espiritismo tinha encontrado um defensor fervoroso e convicto.

Não admitimos todas as idéias do autor. Esperamos que, em virtude de sua doçura, que ele não se aborreça com a nossa franqueza. Enquanto a paz pública não for perturbada por doutrinas ímpias, enquanto a ordem social não for abalada por máximas subversivas, nossa tolerância fraternal nos fará dizer o que aqui dizemos do livro do Sr. Florent Loth:

Paz às consciências! Respeito às crenças do próximo!

M. A. Gabriel Rembault

“Senhor Diretor,

“Eu vos serei reconhecido se quiserdes inserir em vosso jornal minha reposta à crítica do Sr. Gabriel Rembault sobre a minha *Síntese da Doutrina Espírita*, artigo que apareceu em 29 de dezembro último.

“Não quero travar polêmica com o Sr. Gabriel Rembault; não estou à altura de seu talento de escritor, talento incontestável que todos lhe reconhecem; mas que me permita lhe demonstrar as razões que me levaram a escrever este livro.

Antes de tudo, devo reconhecer que a crítica do Sr. Gabriel Rembault é cortês e polida; emana de um homem convencido, mas não irritado. Oh! não posso dizer o mesmo de outros críticos, que lançam o anátema aos espíritas por insultos e palavras grosseiras! Nada compreendo dessa demonstração de ódio e de injúrias, dessas palavras malsonantes de loucos e de patifes, que nos lançam à face e que só inspiram profundo desgosto às pessoas decentes. Entretanto, esses homens intolerantes sabem perfeitamente que, segundo os princípios de nossa sociedade moderna, todas as consciências são livres e têm o direito a um respeito inviolável.

“Perdoai-me esta digressão, senhor Diretor, como perdôo a esses insultadores; perdôo-lhes de todo o coração e peço a Deus que se digne esclarecê-los sobre a caridade. Deveriam praticar melhor essa virtude evangélica para com o próximo.

“Volto ao meu assunto.

“Foi pelo estudo, pela meditação e sobretudo pela prática, que adquiri a prova de certos fatos físicos, até aqui encarados como sobrenaturais. É pelo fluido universal que se pode explicar os fenômenos do magnetismo. Esses fenômenos não podem mais ser contestados hoje; é graças ao mesmo fluido que o

Espírito transpõe o espaço, possui a dupla vista, é dotado da penetração etérea, à qual não poderia opor-se a opacidade dos corpos. Esses fenômenos não são senão a libertação momentânea do Espírito. É verdade que a incredulidade não quer admitir esses fenômenos, mas constatações autênticas e numerosas já não permitem pô-los em dúvida.

“Assim, as maravilhas de que acusam o magnetismo e o Espiritismo não passam, todas, de efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

“E já que o Sr. Gabriel Rembault citou um artigo do jornal *Liberté*, eu me permito, por minha vez, citar uma passagem de um livro novíssimo – *A Razão do Espiritismo* – fruto de longos estudos de um honrado magistrado. Diz ele, na página 216:

“Alguma vez teria Deus derogado as leis que instituiu para levar sua obra a bom termo? Aquele que tudo previu não proveu a tudo? Como poderíeis pretender que a mediunidade, a comunicação dos Espíritos não seja conforme às leis da natureza do homem? E se a revelação é a conseqüência necessária da mediunidade, por que diríeis que é uma derrogação da lei de Deus, quando ela entraria ostensivamente nas vistas da Providência e da economia humana?

“Paro após esta citação. É um argumento no sentido oposto às idéias dos Sr. Gabriel Rembault, e que submeto à apreciação dos vossos leitores.

“Em resumo, estou de acordo com ele quando diz: ‘Paz às consciências! respeito às crenças do próximo!’

“Recebei, senhor Diretor, meus cumprimentos respeitosos.”

Florent Loth

Saint-Saulieu, 16 de janeiro de 1868

Ressalta do relato acima que o autor do artigo não conhecia uma palavra da Doutrina; como tantos outros, ele a julgava por ouvir dizer, sem se ter dado ao trabalho de ir ao fundo da questão e levantar o manto do ridículo, que a crença malévola ou mais ou menos interessada se deleitou em cobri-la. Fez como o macaco da fábula, que rejeitava a noz, porque apenas tinha mordido a casca verde. Se tivesse conhecido os seus primeiros elementos, não teria suposto os espíritas tão simplórios para serem na inteligência de uma mesa, como ele próprio não acredita na inteligência da pena que, em suas mãos, transmite os pensamentos de seu próprio espírito. Como ele, os espíritas não admitem que objetos materiais possam ser dotados da menor inteligência; mas, como ele, sem dúvida, admitem que esses mesmos objetos podem ser instrumentos a serviço de uma inteligência. O livro do Sr. Loth não o convenceu, mas lhe mostrou o lado sério e as tendências morais da doutrina, e isto lhe bastou para compreender que a coisa tinha algo bom e merecia ao menos o respeito devido às crenças do próximo. Deu prova de louvável imparcialidade, inserindo imediatamente a retificação que lhe foi dirigida pelo autor.

O que o tocou não foram os fatos de manifestação, dos quais aliás pouco se trata no livro, mas as tendências liberais e anti-retrógradas, o espírito de tolerância e de conciliação da Doutrina. Tal é, com efeito, a impressão que produzirá em todos os que se derem ao trabalho de a estudar. Sem aceitar a sua parte experimental que, para os espíritas, é a prova material da verdade de seus princípios, eles aí verão um poderoso auxiliar para a reforma dos abusos contra os quais se levantam todos os dias. Em vez de fanáticos de um novo gênero, verão em todos os espíritas, cujo número aumenta sem cessar, um exército que combate pelo mesmo objetivo, embora com outras armas. Mas, que lhes importam os meios, se o resultado é o mesmo?

Sua ignorância das tendências do Espiritismo é tal que nem mesmo sabem que é uma doutrina liberal, emancipadora da

inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre-exame como base essencial de toda crença séria. Não sabem sequer que foi o primeiro a inscrever em sua bandeira esta máxima imortal: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união e de fraternidade universais, único que pode pôr um termo aos antagonismos dos povos e das crenças; enquanto o crêem puerilmente absorvido com uma mesa que gira, não suspeitam que a criança deixou os brinquedos pela armadura, que cresceu e que agora abarca todas as questões que interessam ao progresso da Humanidade. Não falta aos seus adversários *desinteressados e de boa-fé* senão conhecê-lo, para o julgar de modo diverso por que o fazem. Se refletissem na rapidez de sua propagação, que nada pode entrar, chegariam à conclusão de que não pode ser o efeito de uma idéia completamente oca; e mesmo que encerrasse uma única verdade, se essa verdade é capaz de mexer em tantas consciências, merece ser levada em consideração; que se causa tanto pavor em certo mundo, é que não o consideram como uma fumaça inútil.

O artigo referido acima constata, além disso, um fato importante: é que a interdição lançada contra esse livrinho pelo clero do interior serviu para o propagar, o que não podia deixar de ocorrer, tão poderosa é a sedução do fruto proibido. Pensa o autor do artigo, e com razão, que se fosse condenado pela congregação do *Índex*, sediada em Roma, adquiriria uma notoriedade não pretendida pelo Sr. Loth. Ele ignora que as obras fundamentais da doutrina tiveram esse privilégio, e que foi graças aos raios lançados contra a Doutrina em nome desse *Índex* que esses livros foram procurados nos meios onde eram desconhecidos. Fizeram esta reflexão muito natural: quanto mais forte trovejam, mais importante a coisa devia ser; leram-nos primeiro por curiosidade; depois, como ali encontrassem coisas boas, os aceitaram. Isto pertence à História.

CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

Por Allan Kardec

Muitas pessoas consideraram o artigo publicado sob esse título em setembro de 1867 e que, completado, forma o primeiro capítulo de *A Gênese*, como adequado a dar a conhecer o verdadeiro caráter da Doutrina Espírita e, ao mesmo tempo, como uma refutação de certas críticas. Em consequência, elas pensavam que seria útil à propagação da idéia espalhar esse artigo. Para aquiescer ao seu desejo, fizemos uma tiragem à parte do primeiro capítulo de *A Gênese*, numa brochura que será entregue nas mesmas condições que a *Simples Expression*⁹, isto é, a 15 c; pelo correio, 20 c. Dez exemplares em conjunto, 2 fr., ou 10 c. por exemplar; pelo correio, 2 fr. 60 c.

Tendo sofrido atraso, a tiragem desta brochura atualmente está terminada.

SEGUNDA EDIÇÃO DE A GÊNESE

Estando quase esgotada a primeira edição de *A Gênese*, neste momento procede-se à tiragem da segunda edição, na qual não foi feita nenhuma alteração.

Nota – Pela tarifa indicada no número de janeiro, para as despesas postais desta obra para o estrangeiro, as da Suíça foram, por equívoco, elevadas em 1 franco, conforme a antiga tarifa. Hoje não passam de 60 centavos.

OS PENSAMENTOS DO ZUAVO JACOB

1 volume in-12, de 220 páginas. Preço: 2 fr. 50 c.; pelo correio, 2 fr. 75 c.

⁹ N. do T.: Kardec se refere ao opúsculo *O Espiritismo na sua expressão mais simples*.

No editor, 70, rue Bonaparte, Paris.

Estando este número no prelo quando nos chegou o livro do Sr. Jacob, adiamos o seu comentário para o próximo número.

PSICHÉ

Giornale di Studi Psicologici

Publicato sotto la direzione del signor Pietro Cassella

Esse jornal circulará nos dias 1^o e 15 de cada mês, a partir de 1^o de março próximo, em Nápoles, 49, Cagliardi alle Pigne, 2^o piso. Preço: 6 fr. por ano; 3 francos por semestre.

Daremos mais detalhes no próximo número.

Allan Kardec